
A restauração do modo de produção capitalista na União Soviética⁽¹⁾

Rapporti Sociali

n.º 8, Novembro de 1990

A tese de que os revisionistas modernos restauraram, na União Soviética, durante os anos 50 (sob a direcção de Khruchov), o modo de produção capitalista foi mantida nos anos 60 e 70 por grupos marxistas-leninistas, no contexto da denúncia da linha de reacção anticomunista e de restauração capitalista adoptada pelos revisionistas modernos, que dirigiam a URSS e grande parte dos países do Leste da Europa. Esses grupos consideravam que a União Soviética era um país socialcapitalista e social-imperialista, ou seja, socialista nos discursos dos dirigentes e nas declarações de intenções que faziam para defender as suas iniciativas ante as massas, mas capitalista e imperialista «de facto».

Consideramos que esta tese só é justa no sentido em que a linha seguida pelos revisionistas modernos, embora encoberta com palavras comunistas», levava na realidade à restauração do capitalismo e tornaria a URSS num país imperialista. Não obstante, esta tese é errónea ao pretender que esse resultado já tinha sido alcançado. Consideramos o seguinte:

1. Que o revisionismo moderno foi uma tentativa de restaurar gradual e pacificamente o capitalismo;
2. Que essa tentativa, levada a cabo nalguns países socialistas, durante quase 40 anos, num contexto favorável à restauração caracterizado pela recuperação da acumulação de capital nos países imperialistas, levou à paralisia da sociedade socialista, mas não à restauração do capitalismo;
3. Que este fracasso coloca na ordem do dia um confronto de classes, que tem como desenlaces possíveis a recuperação da transição para o comunismo ou a restauração violenta do capitalismo. Ambos os desenlaces excluem uma «conversão dos países socialistas à sociedade de consumo ou de bem-estar dos países imperialistas».

A questão da restauração do capitalismo não é apenas uma questão de nome: não se trata de discutir o nome que havemos de dar ao sistema económico da União Soviética. Esta questão tem uma importância prática e, apenas por isso, também teórica. Com efeito, trata-se de compreender quais foram as contradições que determinaram a dinâmica da sociedade soviética, a partir dos anos 50, quais são as que a determinam actualmente, quais são, pois, as suas correntes principais, os desenlaces para que se encaminha a sociedade soviética, os objectivos reais das forças políticas que hoje operam

¹ Este artigo, não assinado, foi publicado pela primeira vez na revista italiana *Rapporti Sociali* n.º 8, de Novembro de 1990 (N. Ed.)

nela² e qual é o papel que a União Soviética tem e terá no desenvolvimento da crise de sobreprodução de capital e no movimento revolucionário mundial.

O modo de produção capitalista é um fenómeno histórico desenvolvido desde o século XV, a partir da Europa Ocidental. As suas características essenciais e universais (isto é, comuns a todos os países) e também específicas (por se tratar de um modo de produção diferentes dos outros) foram expostas por Marx na sua obra *O Capital*. Todos os que queiram compreender o movimento económico e político das sociedades actuais devem rejeitar tanto a tendência corrente da cultura burguesa de transpor para sociedade capitalista categorias e nomes correspondentes a outra realidade, com base em semelhanças superficiais e de pouco peso, de modo a impedir a sua compreensão, como, conseqüentemente, a tendência para esvaziá-las de qualquer conteúdo de importância prática.³

Para se poder resolver a questão da restauração do modo de produção capitalista na URSS, que teria sido levada a cabo nos anos 50 pelos revisionistas modernos, devemos partir da natureza da estrutura económica do capitalismo na época ou fase imperialista.

A fase imperialista do capitalismo caracteriza-se pela contradição entre a propriedade individual das forças produtivas (que é um elemento constitutivo essencial do capitalismo) e o carácter colectivo alcançado por essas forças produtivas.⁴ Nas sociedades imperialistas, o elemento essencial do capitalismo (a propriedade individual das forças produtivas) encontra a sua mediação⁵ com o carácter colectivo alcançado pelas forças

² Na sua actividade política, os organismos e os indivíduos propõem-se fazer avançar a sociedade para determinadas metas. Na realidade, cada sociedade pode encaminhar-se, alternativamente, para algumas metas bem definidas apenas devido à sua composição material e às contradições que operam no seu seio e que medeiam com a realidade externa. A sociedade alcança uma destas metas e não outras. O dilema que o confronto político resolve é qual destas metas será alcançada em detrimento de outras, que permanecem no campo das coisas que eram possíveis e nunca se realizaram. Para alcançar efectivamente uma meta também é necessária a actividade política de indivíduos e organismos que, embora não a tenham colocado como objectivo ou simplesmente a tenham rejeitado e dirigido a sua actividade para outras metas, nem por isso a sua actividade deixa de favorecer na prática o movimento da sociedade para a meta efectivamente desejada. É como se alguém quisesse deslocar um comboio numa via orientada para Este-Oeste, dirigindo-o para Sudeste. Com efeito, isto não faria mais que levá-lo para Este.

³ A cultura burguesa corrente afirma que «o capital sempre existiu porque o antigo camponês egípcio usava o arado para cultivar a terra». Isto é dito com a mesma acutilância de quem, falando de cavalos, afirma que as vacas também são cavalos porque de facto têm «quatro patas».

⁴ A célula irreductível constitutiva da sociedade imperialista continua a ser a mesma da sociedade capitalista de velho tipo: a fracção de capital personificada num indivíduo (o capitalista). Tudo o resto (as associações de capitalistas, as sociedades de capital, as entidades económicas públicas, etc.) são superestruturas derivadas dessas células elementares, são combinações delas mais ou menos estáveis, mais ou menos numerosas e mais ou menos complexas. Por isso, tal como a célula constitutiva da sociedade mercantil é a mercadoria, também a célula constitutiva da sociedade capitalista (também na fase imperialista) é o capital individual. Por sua vez, o capital individual é uma célula «mais complexa» que a mercadoria, pois de facto implica a existência desta.

⁵ No movimento da sociedade, o modo de produção vigente (que o homem consegue conhecer separando os aspectos casuais e particulares, concretos, das suas manifestações ou modos de ser) assume as suas manifestações concretas e específicas «ajustando contas» com as condições externas (climáticas, geológicas, geográficas, derivadas de outras sociedades, etc.) e históricas (o património cultural e biológico e a experiência herdada) da sociedade. Diz-se que

produtivas no capital colectivo, nas associações de capitalistas ou sociedades de capital e nas formas antitéticas da unidade social. Daqui surgem os monopólios, o capital financeiro, a partilha do mundo entre grupos e Estados imperialistas, as empresas multinacionais, as políticas económicas, o capitalismo de Estado, etc.

A propriedade social capitalista colectiva das forças produtivas, longe de eliminar a propriedade capitalista individual, abre-lhe um novo e vasto campo de acção. É certo que as principais estruturas produtivas⁶ se converteram, nos países imperialistas, em propriedade directa de associações de capitalistas (sociedades por acções, entidades económicas públicas, fundos de seguros e outros organismos do mesmo tipo). Mas também é certo que o capitalista individual, excluído da propriedade directa das estruturas produtivas devido ao seu carácter social, aparece como proprietário individual de uma quota do seu valor e faz valer dessa forma os direitos, que já não pode fazer valer completa e directamente no que respeita às estruturas produtivas, apesar do carácter social que estas alcançaram. Se, por exemplo, considerarmos as recentes vicissitudes da *Société Générale* da Bélgica, da *Montedison*, da *Parmalat*, da *Enron*, do *Credit Lyonnais*, etc. (grandes associações de capitalistas ou capitalistas colectivos) surge imediatamente o campo de acção reservado a capitalistas individuais como De Benedetti e Gardini. Não se pode compreender os negócios em que se misturam as grandes sociedades multinacionais (*General Motors*, *Standard Oil of N.Y.*, *Ford Motors*, *Shell*, *General Electric*, *IBM*, etc.) se ignorarmos os laços destas com os seus grandes accionistas, com os que aspiram ao seu controlo (*raiders*), com os aventureiros da finança, com a multidão de pequenos accionistas e aforradores, com os capitalistas individuais, os seus clientes e fornecedores, até descermos ao mundo variegado da pequena produção mercantil individual em que se movimentam milhões de indivíduos, todos em busca da «fortuna». Não se pode compreender minimamente o movimento das estruturas e instituições típicas do «capital colectivo», dos «capitalistas associados» se ignorarmos o capital individual e a produção mercantil. O imperialismo, o monopólio, o capital financeiro, o capitalismo de Estado e o capitalismo burocrático apoiam-se na base ampla do capitalismo de velho tipo, na propriedade individual das forças produtivas, nas pequenas e médias empresas capitalistas, nas relações mercantis, nas relações monetárias e nas relações de valor.

Na sociedade burguesa, o monopólio⁷ é uma mediação entre a propriedade individual das forças produtivas e o seu carácter colectivo. O monopólio surge como

o modo de produção se manifesta mediante as condições externas e históricas ou que a sua manifestação concreta é uma mediação dele mesmo com as condições externas e históricas. Portanto, cada manifestação concreta pode ser, por sua vez, compreendida pelo ser humano apenas se este reconstruir na sua mente o processo mediante o qual o modo de produção dessa sociedade se combina com as condições externas e históricas, de modo a identificar as suas manifestações concretas, que são objecto da experiência directa. No caso que examinamos, a essência do modo de produção capitalista, procurando ajustar-se ao carácter social das forças produtivas, apresenta-se como capital colectivo.

⁶ Com o termo estrutura produtiva designamos uma combinação tecnicamente definida de forças produtivas dedicadas à produção (unidades produtivas, fábricas, etc.).

⁷ No que respeita ao monopólio burguês, Marx escreve em *Miséria da Filosofia* (1847): «O senhor Proudhon só fala no monopólio moderno engendrado pela concorrência. Mas todos nós sabemos que a concorrência foi engendrada pelo monopólio feudal. Assim, primitivamente, a concorrência foi o contrário do monopólio, e não o monopólio o contrário da concorrência. Portanto, o monopólio moderno não é uma simples tese, é pelo contrário, a verdadeira síntese.

Tese: o monopólio feudal anterior à concorrência.

Antítese: a concorrência.

desenvolvimento e alargamento da produção mercantil, da qual vive: toda a vantagem que um capitalista retira do preço e das condições de monopólio tem a sua origem no quadro não-monopolista em que opera o monopólio. Onde não há livre concorrência não pode haver monopólio capitalista, da mesma maneira que não pode haver ilhas sem mar.

Na sociedade burguesa, o capital financeiro surge e desenvolve-se sob a forma de associações de capitalistas individuais e o dinheiro assume a forma de títulos de crédito como desenvolvimento da sua forma em ouro. Esta última continua a ser na sociedade imperialista a amarra mais segura do poder pessoal de cada capitalista, à qual retorna cada vez que deixam de existir as condições que levaram o dinheiro a mudar de forma.

Na sociedade burguesa, o colonialismo, a sujeição e exploração dos países mais atrasados surgem e desenvolvem-se como resultado ou instrumento do empenhamento dos capitalistas em manter tão elevada quanto possível a margem de lucro das fracções individuais de capital.

O capitalismo de Estado surge e desenvolve-se como intervenção do Estado e utilização dos seus recursos políticos para manter uma margem elevada de lucro dos capitais privados e dos capitalistas individuais e debelar as contradições entre eles.

O capitalismo burocrático (ou capitalismo burocrático de Estado) é o tipo de capitalismo que o imperialismo faz surgir nos países atrasados, semifeudais e semicoloniais, combinando os grupos imperialistas, os grandes proprietários de terras e os grandes banqueiros com o poder estatal.⁸

Portanto, não tem sentido falar de imperialismo, monopólio, capital financeiro, capitalismo de Estado e capitalismo burocrático quando nos referimos a uma sociedade em que os capitalistas individuais, os capitalistas privados e a produção mercantil não constituem o tecido básico da actividade económica da sociedade. Todas estas teses foram expostas por Lénine no VIII Congresso do PCR(b) no seu *Relatório sobre o Programa do Partido*, de 19 de Março de 1919,⁹ criticando as teses de Bukhárine que afirmava que o imperialismo era um novo modo de produção que sucedia ao capitalismo. Lénine concluía a sua crítica dizendo: «*O imperialismo puro, sem a base fundamental do capitalismo, nunca existiu, não existe em parte alguma e nunca existirá. Isso é uma generalização errada de tudo quanto se disse acerca dos consórcios, dos cartéis, dos trusts, do capitalismo financeiro, quando o capitalismo financeiro era descrito como se sob ele não houvesse nenhuma das bases do velho capitalismo.*»

(...) *Se Marx dizia da manufactura que ela era uma superestrutura da pequena produção em massa,¹⁰ o imperialismo e o capitalismo financeiro são superestruturas do velho capitalismo. Se se destrói a parte superior, aparece o velho capitalismo. Defender o ponto de vista de que existe um imperialismo integral, sem o velho capitalismo, é tomar os desejos por realidade.*»¹¹

Não se pode compreender o movimento económico e político das sociedades imperialistas se se ignorar a existência do velho capitalismo como fundamento do

Síntese: *o monopólio moderno, que é a negação do monopólio feudal na medida em que pressupõe o regime da concorrência, e que é a negação da concorrência na medida em que é monopólio.*» [K. Marx, *Miséria da Filosofia*, ed. Avante!, Lisboa, 1991, p. 134 (N. Ed.)]

⁸ As formas antitéticas da unidade social formam-se necessariamente quando o capitalismo sobrevive (com a sua propriedade individual das forças produtivas) apesar do carácter colectivo que reveste as forças produtivas.

⁹ V.I. Lénine, *Relatório sobre o Programa do Partido*, de 19 de Março de 1919, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante!, Lisboa, 1979, t. III, pp. 91-107 (N. Ed.)

¹⁰ *O Capital*, Livro Primeiro, Tomo II, Ed. Avante!, Lisboa, 1992, 12.^o cap., pp. 386-423 (N. Ed.)

¹¹ V.I. Lénine, *Relatório sobre o Programa do Partido*, *op. cit.*, pp. 91 e 93. (N. Ed.)

surgimento contínuo das grandes sociedades, nas quais se repartem constantemente grandes capitais, gerando uma multidão de adjudicatários, sub-adjudicatários, fornecedores, vendedores, oportunistas, aventureiros, especuladores, traficantes, etc. O capital financeiro, o monopólio e a burguesia imperialista são o sector dirigente da sociedade imperialista, mas se separar este sector do resto da sociedade equivale a isolar as tropas da primeira linha do resto do exército e do país. Dito por outras palavras, o imperialismo não é um novo modo de produção diferente do modo de produção capitalista. O imperialismo é a última fase do capitalismo, a antecâmara do socialismo. O imperialismo é uma superestrutura do capitalismo, é a fase degenerativa do modo de produção capitalista que, ao ser historicamente superado pelo carácter colectivo já alcançado pelas principais forças produtivas, sobrevive a si próprio. Por outro lado, gera continuamente um novo capitalismo no qual se apoia. Concluindo: o capital colectivo surge, existe e pode existir apenas como superestrutura do capital individual, como mediação entre a propriedade individual das forças produtivas e o carácter colectivo das mesmas; o monopólio moderno aparece, existe e pode existir apenas como limitação parcial da concorrência; o capital concentrado e centralizado surge, existe e pode existir apenas no quadro de um grande número de capitais opostos, enquanto vendedores e compradores, gerando continuamente capitais que se confrontam num movimento centrífugo, que se contrapõe ao seu movimento centrípeto; na sociedade burguesa, a direcção consciente de todo o movimento económico da sociedade (através do Estado ou de «associações privadas» de capitalistas) aparece, existe e pode existir apenas como forma antitética da unidade social.

Os revisionistas modernos dos países imperialistas habituaram-nos a considerar como fundamental a distinção entre propriedade privada (individual e de associações privadas de capitalistas) e propriedade pública (isto é, de associações públicas de capitalistas, do Estado, etc.). Daqui decorre o facto de se confundir espontaneamente as unidades de um país socialista com as empresas públicas de um país imperialista.

Nas sociedades imperialistas, as sociedades por acções e as entidades económicas públicas (as empresas estatais, as sociedades nacionais, as entidades económicas do Estado, das regiões e dos municípios, etc.) são uma mediação entre a propriedade individual capitalista das forças produtivas, que sobrevive como elemento constitutivo principal da sociedade, e o carácter colectivo das forças produtivas. Quem confundir as formas antitéticas da unidade social¹² com o capitalismo em si, tomando essas forças produtivas já colectivas como se fossem toda a estrutura económica da sociedade imperialista (e portanto, apagando de um golpe todo o tecido do velho capitalismo que constitui a base da sociedade actual), não pode compreender nem o capitalismo nem o socialismo.

Aparentemente, uma empresa soviética dos anos 60 não se diferencia da *Société Générale* da Bélgica ou da *Agip* italiana. No entanto, a diferença é essencial, enquanto a semelhança é superficial e secundária. A diferença essencial reside no facto de que a empresa soviética:

¹² A categoria de capitalismo burocrático foi amplamente desenvolvida por Mau Tsé-Tung como categoria chave para compreender o movimento económico e político dos países atrasados na fase imperialista. O Partido Comunista do Perú (PCP) tem feito e continua a fazer uma ampla aplicação desta categoria enriquecendo o seu conteúdo (ver: *Guerra Popular en Perú - El pensamiento Gonzalo*, ed. L. Arce Borja, Bruxelas, 1989; em particular a pág. 326 e seguintes e o documento congressual de 1988: *Bases de Discusión: Revolución Democrática: Carácter de la sociedad peruana contemporánea*).

1. Não é expressão da mediação entre a propriedade individual das forças produtivas (que não existe) e o carácter colectivo das forças produtivas;
2. Não surge, nem se apoia, nem pode submergir no mar de empresas capitalistas individuais, de relações mercantis e de relações monetárias que a circunda.

Chegados aqui, resulta claro que é inconsistente a tese que afirma que a restauração do modo de produção capitalista na URSS se realizou nos anos 50.

Com efeito, os revisionistas modernos não restauraram nem alargaram substancialmente a propriedade individual das principais forças produtivas, para além do que já existia no momento da sua chegada à direcção do partido e do Estado. E isto apesar da maior extensão da produção individual autónoma, chamada «economia paralela» ou «economia submergida».

Inclusivamente durante o período em que estiveram na direcção, as relações monetárias estavam circunscritas à circulação dos bens de consumo pessoal (o dinheiro acumulado por novos ricos alcançou montantes fabulosos precisamente porque não podia ser utilizado senão na aquisição de bens de consumo e serviços pessoais). As relações de valor não chegaram a regular o consumo, a redistribuir o rendimento e a medir a variação no tempo da eficiência das unidades produtivas. As relações de valor nunca desempenharam a função de reguladores gerais da reprodução (com efeito, a escala dos preços soviéticos dos diversos artigos não era comparável à do mercado capitalista mundial. Apesar de numerosas tentativas e experiências, Khruchov, Kossíguine e Bréjnev nunca chegaram a introduzir à escala geral o governo da economia mediante o «cálculo económico», como lhes chamavam, ou da «autonomia financeira» das unidades produtivas; ou seja, através do rendimento em dinheiro resultante da actividade da cada unidade produtiva. Por isso nunca chegaram a converter o mercado (ou, como diziam, «os contactos directos entre as unidades produtivas») em regulador geral da actividade económica. O comércio externo continuou a ser monopólio do Estado. A forças de trabalho só marginalmente foi reduzida à condição de mercadoria (a liberdade de compra e venda é uma característica essencial da sua natureza de mercadoria). A planificação económica dos países socialistas, inclusivamente lá onde se mostrava ineficaz, a única coisa que tinha em comum com o monopólio que existia nos diferentes sectores dos países imperialistas era a aparência; com efeito, o que é específico do monopólio na sociedade burguesa é a obtenção de um superlucro em relação a outros sectores do capital, que continuam operando em condições de concorrência.

O facto de se ter esquecido tudo isto e falar de restauração do capitalismo levou inevitavelmente a uma crítica idealista dos revisionistas modernos, ou seja, a uma crítica que punha em primeiro plano a superestrutura (a política e a cultura) e em segundo plano a estrutura económica.

Os defensores desta tese estavam obrigados, com efeito, a inventar um «capitalista colectivo» sem capitalistas individuais, um monopólio burguês sem concorrência, um capital concentrado e centralizado sem movimento centrífugo, uma produção capitalista sem produção mercantil, uma direcção estatal (do movimento económico total da sociedade burguesa), baseada e mantida sobre essas mesmas bases. Em resumo, «um imperialismo puro», que não se apoiava no velho capitalismo, que não era uma superestrutura do capitalismo, mas que se apresentava como um novo modo de produção, «distinto do capitalismo clássico», mas igualmente «malévolo e explorador dos operários», como o velho capitalismo, se não pior! Também este era, portanto, capitalismo!¹³

¹³ Aqui é evidente a influência do pensamento burguês da esquerda imperante. Os seguidores da escola de Frankfurt e os seus partidários (os obreiristas, etc.) também concebiam

Na realidade, esta tese considerava como resolvida a contradição principal, enquanto, pelo contrário, ela continuava a estar presente nos países socialistas. Ou seja, dava por concluído o conflito principal que então determinava todo o movimento económico e político desses países. Nos países socialistas, a actividade política dos comunistas que adoptaram esta tese ficou fortemente debilitada. Com efeito, esta tese separava-os das massas porquanto os impedia de sintetizar o conflito entre a via para o capitalismo e a via para o comunismo, na qual as massas estavam quotidiana e profusamente implicadas. Desta maneira deixavam campo livre aos revisionistas para, ante as dificuldades, poderem dar outros passos que enfraquecessem, um pouco mais a cada dia, os gérmes do comunismo, reforçassem as tendências burguesas e levassem as massas à impotência e ao desespero.

A partir dos anos 50, quando na União Soviética os revisionistas se apoderaram da direcção do partido comunista e da sociedade, não restauraram o capitalismo, mas paralisaram a transição para o comunismo, provocando retrocessos em muitos campos no que respeita a realizações já alcançadas. Progressivamente substituíram (ainda que só em certa medida) o balanço em bens produzidos ao nível de toda a sociedade, como critério de avaliação e direcção do movimento económico, pelo balanço comercial das empresas; alargaram a esfera de acção da economia mercantil e do dinheiro (por exemplo, a transferência da propriedade da maquinaria agrícola para os *kolkhozes*, que contribuiu para retardar o desenvolvimento tecnológico do trabalho agrícola. Deste modo, a adopção dos métodos produtivos mais avançados passou a depender do balanço comercial de cada *kolkhoz*). Aboliram a obrigatoriedade geral de trabalhar e abriram vias (legais e ilegais) para o parasitismo e para o enriquecimento individual (precisamente porque, não sendo possível converter as forças produtivas em propriedade individual, a riqueza actuava apenas como instrumento de corrupção, luxo e esbanjamento). Abandonaram milhões de pessoas a um trabalho embrutecedor. Esqueceram a redução do horário laboral, que decorria da mecanização e automatização do trabalho produtivo e das actividades domésticas (daí o atraso do aparelho produtivo e do equipamento doméstico). Descuidaram na prática a salubridade e higiene no trabalho e a salvaguarda da salubridade do meio ambiente (apesar de as normas adoptadas nos países socialistas serem superiores às dos países imperialistas). Criaram gradualmente uma massa de funcionários, empregados, profissionais, técnicos, artistas, literatos, jornalistas, etc., cada vez mais separada da classe operária, e protegeram ou favoreceram a formação de uma ampla camada de parasitas e oportunistas,

Tudo isto já existia no PCUS, ao nível das tendências e propostas, antes de Khruchov. Na sua obra de 1952 (*Problemas Económicos do Socialismo na URSS*), Stáline denuncia clara e detalhadamente algumas destas tendências, embora não as identifique como elementos de um conjunto orgânico próprio de uma linha de restauração anticomunista. Na realidade essas tendências eram isso, e convertidas na linha dirigente do Partido e do Estado, constituíam uma via que levava à restauração da propriedade individual das forças produtivas; ou seja, não só não resolvia de maneira positiva os problemas colocados pelo desenvolvimento da sociedade, mas, pelo contrário gerava inevitável e continuamente dificuldades e obstáculos ao desenvolvimento da vida económica e política da sociedade socialista. Os revisionistas modernos tentaram resolver as dificuldades e os obstáculos de uma tal maneira que o resultado foi a estagnação e a paralisia económica. Desta maneira impuseram de forma irremediável e imperiosa o

as sociedades imperialistas como «imperialismo puro», como «capitalismo organizado» e não têm nenhuma dificuldade em assimilar também a sociedade soviética às suas fantasiosas categorias do «imperialismo puro», do «capitalismo organizado», etc.

seguinte dilema: inverter a tendência e retomar a via de transição para o comunismo, ou restaurar a propriedade individual das forças produtivas e o carácter comercial da produção (isto é, a restauração do capitalismo). Esta é a encruzilhada para a qual os revisionistas modernos foram levando o país, mas à qual ainda hoje não chegaram [*recorde-se que esse texto foi publicado em 1990 (N. Ed.)*], depois de quase quarenta anos da sua ascensão ao poder. Restaurar o capitalismo revelou-se ser uma empresa nada fácil. Um dos dirigentes da Revolução Cultural Proletária, Yao Wen-yuan, num artigo publicado nos começos de 1975, («As bases sociais da camarilha antipartido de Lin Pião»), ilustrava em detalhe a vida que levavam os revisionistas modernos:

«Na sociedade socialista existem dois tipos de propriedade: a propriedade socialista, que é propriedade de todo o povo, e a propriedade privada cooperativa. Isto determina o facto de na China praticarmos actualmente um sistema baseado na troca de mercadorias. As análises feitas por Lénine e pelo presidente Mao dizem-nos que o direito burguês, que existe inevitavelmente no sistema socialista, no que respeita à distribuição e à troca, deve ser limitado cada vez mais sob a ditadura do proletariado, de maneira a que ao longo do caminho da revolução socialista as três contradições principais (entre operários e camponeses, entre a cidade e o campo, entre trabalho manual e trabalho intelectual), assim como as contradições entre os diversos níveis hierárquicos, se reduzam cada vez mais e se criem as condições materiais e ideológicas para a sua eliminação. Se não seguirmos este caminho e, pelo contrário, perseguirmos a consolidação, extensão e reforço do direito burguês e da desigualdade que este acarreta, o resultado inevitável será a polarização. Isto quer dizer que, no âmbito da distribuição, um número restrito de pessoas estará em condições de obter um número cada vez maior de mercadorias e dinheiro por certas vias legais e por numerosas outras ilegais. Despertadas por estes “estímulos materiais” difundir-se-ão sem limites as ideias capitalistas de acumular fortuna e de alcançar a fama e o êxito pessoal; multiplicar-se-ão fenómenos como a transformação da propriedade pública em propriedade privada, a especulação, o suborno, o roubo e a corrupção, entre outros abusos. O princípio capitalista da troca de mercadorias impor-se-á na vida política e também na vida do partido e minará a economia socialista planificada (...) Reproduzir-se-á a exploração capitalista – conversão das mercadorias e do dinheiro em capital e da força de trabalho em mercadoria. Tudo isto alterará a natureza das relações de propriedade em certos sectores e unidades produtivas, onde seja aplicada a linha revisionista, de tal maneira que o povo trabalhador será de novo oprimido e explorado. Teremos assim como resultado o surgimento entre os membros do partido, entre os operários, entre os camponeses médios, entre o pessoal dos órgãos estatais, de uma minoria de elementos neoburgueses e de novos-ricos que atraíçoaram completamente o proletariado e os trabalhadores. Os nossos camaradas operários disseram justamente: “Se não se põe um limite ao direito burguês, este impedirá o desenvolvimento do socialismo e favorecerá o ressurgimento do capitalismo”».

«Mas quando a força da burguesia alcança um certo nível, os seus agentes procuram tomar o controlo político, derrubar a ditadura do proletariado e o sistema socialista e eliminar totalmente a propriedade socialista. Inclusivamente deixam de agir às escondidas para restaurar e desenvolver o capitalismo. Uma vez no poder, a nova burguesia lançar-se-á, em primeiro lugar, a reprimir sangrentamente o povo e restaurará o capitalismo na superestrutura, incluindo os diversos sectores ideológico-culturais; subseqüentemente subordinará a distribuição dos bens produzidos à acumulação de capital e de poder nas mãos de alguns, esvaziando da sua essência o princípio de “a cada um segundo o seu trabalho”. Um punhado de novos elementos burgueses, que monopolizam os meios de produção, detém ao mesmo tempo o poder de

distribuir bens de consumo e outros produtos. Este é o processo de restauração que está a ter lugar na União Soviética.»

Afirmar que os revisionistas modernos restauraram o capitalismo na URSS nos anos 50 é:

– Confundir as ideias sobre a natureza do capitalismo e do imperialismo e difundir uma concepção idealista sobre a sociedade. É substituir, efectivamente, o conceito de países socialistas, como países em que a propriedade individual das principais forças produtivas foi abolida, onde a propriedade privada cooperativa está limitada e onde, por conseguinte, está restringida a produção comercial.

- Dar como resolvida uma contradição que, pelo contrário, é a que move tudo e à luz da qual se torna compreensível a história dos países socialistas desde os anos 50 até hoje, a crise dos revisionistas modernos, as dificuldades que encontram os actuais governantes dos países socialistas e o conflito aberto em 1989.

Com efeito, se o capitalismo tivesse sido restaurado nos anos 50, donde viriam as dificuldades da actual etapa, que fazem tremer tanto Gorbatchov como Mazowiecki e toda a restante quadrilha?

Na realidade, não só não se produziu a restauração como nem sequer está decidido que o confronto terminará com a restauração do capitalismo: esta parece inclusivamente bem mais difícil, especialmente na URSS, e certamente que não será pacífica. Já há numerosos sinais que chegam dos países socialistas, e em particular da União Soviética, sobre a agudização e violência dos confrontos actuais, confrontos dirigidos sob as bandeiras mais díspares, que indicam claramente que o proletariado ainda não se posicionou no campo de batalha como força política independente, e que não está em condições de expressar e aglutinar forças em torno dos seus próprios objectivos de classe. Não obstante, esses mesmos sinais indicam também muito claramente que nenhuma das principais classes já garantiu a vitória.

A luta da burguesia dos países socialistas pela restauração do capitalismo entronca, efectivamente, com a luta desesperada dos grupos imperialistas para saírem da crise de sobreprodução de capital. Esta crise está a convulsionar os Estados imperialistas e os países dependentes e atormenta a burguesia imperialista, apesar de não ter nenhuma consciência dela, confrontando-se com problemas (que julga poder «resolver» tapando um buraco aqui, enquanto outro se abre logo de seguida), tais como, de lucros, de mercados, de preços, de despesa pública, de transacções, de balança de pagamentos, etc.

É certo que não tem nenhum fundamento a tese segunda a qual, em alguns anos, pagando o preço de um «período de sacrifícios», os países socialistas serão absorvidos pelo mercado capitalista mundial e se assemelharão aos países imperialistas que actuam sob a bandeira da social-democracia, do «Estado de bem-estar» e do Estado social». O período da social-democracia, do «Estado de bem-estar» e do Estado social» (em suma, o «projecto de construir um capitalismo de rosto humano»), está terminado inexoravelmente também nos países imperialistas. A cada dia se sacrifica um nova parte do que ainda resta do «Estado de bem-estar»: isto pode ser visto por todos aqueles que não se deixam deslumbrar por discursos temperados com palavras falaciosas. Outra coisa são os lamentos de que «as pessoas» dos países socialistas se tornaram «consumistas», «materialistas», «egoístas», «conformistas», etc., como as dos países imperialistas, lamentos que alguns «esquerdistas» já entoaram junto de Wojtyła e dos seus padres. O período que nos espera é um período de confrontação entre grupos imperialistas, destes com a burguesia dos países socialistas e a burguesia burocrática dos países do Terceiro Mundo, e de confrontação de todas as forças burguesas com o movimento proletário dos países imperialistas e dos países socialistas e com o movimento anti-imperialista dos países semicoloniais e semifeudais.

A tese de que «nos anos 50 foi restaurado o capitalismo» na União Soviética deixou de ser, como foi nos anos 60, a bandeira (errada) da luta contra o revisionismo moderno, para passar a ser, há muito, a bandeira do anticomunismo disfarçado de esquerdismo e derrotismo, a bandeira daqueles que querem negar a experiência histórica do movimento operário e comunista. Isto ajudou-nos a libertarmo-nos dessa análise errónea e paralisante. No melhor dos casos, aqueles que ainda afirmam que a restauração do capitalismo na URSS já se tinha produzido nos anos 50, têm uma visão pessimista e idealista da sociedade. Como se o capitalismo fosse o estado «natural» e espontâneo das coisas e o comunismo um estado «bom, mas antinatural». Como se as pessoas não esperassem mais que um erro ou um desvio dos dirigentes para regressar ao capitalismo. A realidade é que a sociedade burguesa, para se conservar e sobreviver, teve de recorrer a duas guerras mundiais no espaço de apenas meio século e a uma infinidade de medidas «pacíficas», como impor regimes fascistas e nazis, levar a cabo golpes de Estado de tipo Pinochet, perpetrar extermínios em massa, ao estilo da Indonésia em 1966, conduzir guerras coloniais, deitar mão a toda uma gama de recursos e instrumentos da contra-revolução preventiva, recorrer às guerras de baixa intensidade, etc. A construção do comunismo não é uma empresa fácil nem espontânea. Não obstante, o que é difícil e mesmo desesperada é a conservação do capitalismo! O parto é um acontecimento doloroso e penoso, mas não se torna por isso mais fácil impedir uma mulher grávida de dar à luz! A realidade é que os revisionistas modernos, apesar de terem conseguido afundar no caos e no desespero povos inteiros, também deixam como herança aos seus sucessores a tarefa de impor a várias centenas de milhões de pessoas a restauração do capitalismo: Consegui-lo-ão? Esse é o busílis da questão no actual confronto político, o objecto em disputa em torno do qual se desenrolará a luta entre as classes nos próximos anos. Uma das condições para se poder desempenhar um papel de vanguarda na luta do proletariado, a fim de fazer triunfar a revolução, é ter a consciência do objecto em disputa.

Os países socialistas governados pelos revisionistas modernos desempenharam, até há pouco, um papel importante e específico no que respeita ao movimento revolucionário. Hoje converteram-se, já noutras condições, num factor importante e específico da crise económica e política mundial, na qual se apoia (quer se queira ou não) o movimento revolucionário. O caminho que nesses países seguir a luta de classes nos próximos meses e anos será rico em valiosos ensinamentos para o nosso futuro, mas terá também consequências objectivas directas para a luta de classes, para a estabilidade dos regimes políticos, na velocidade e modalidades de desenvolvimento das demais sociedades e no curso que seguirá a actual crise de sobreprodução de capital. O desmoronamento do revisionismo moderno confirma a actualidade das nossas velhas consignas: Proletários de todo o mundo, uni-vos! O comunismo é o movimento de transformação da ordem actualmente estabelecida!